

O dilema do crescimento

JORNAL DO BRASIL

11 AGO 2002

Estudo de Fábio Giambiagi mostra que não existe fórmula mágica

SÔNIA ARARIPE
EDITORIA DE ECONOMIA

Ao menos em um ponto todos os candidatos à Presidência da República concordam: o Brasil precisa voltar a crescer a taxas mais animadoras do que a média de 2,7% do Produto Interno Bruto registrada no período de 1991 até 2000. Este ano, a expectativa de economistas é de que o país cresça, na melhor das hipóteses, cerca de 1,5%.

Um estudo recente do economista Fábio Giambiagi, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), intitulado *Restrições ao crescimento da economia brasileira: uma visão de longo prazo*, no entanto, mostra que para o ritmo de crescimento voltar a ser expressivo é preciso muito, mas realmente muito, mais do que boa vontade.

“Não há mágica. E, como dizia Garrincha, ainda é preciso combinar com os adversários”, brinca Giambiagi. Ele é hoje um dos mais respeitados economistas da sua geração, que tem contribuído de forma decisiva para o debate sobre para onde caminha o país com estudos nos quais discute os principais entraves à expansão da economia nacional, como a excessiva dependência de capital internacional e a ínfima poupança interna.

Baseado em várias projeções, o técnico do BNDES aponta que serão necessários investimentos de cerca de 27% do PIB para alcançar um crescimento econômico médio anual de 5%. A projeção leva em con-



GIAMBIAGI

ta que a relação entre capital e produto (quanto a produção cresce para o capital investido) fique em torno de 3. Hoje, essa taxa de investimentos está por volta de 20% do PIB. Pode parecer relativamente pouco subir os investimentos de 20% para 27% do PIB, mas Giambiagi reforça que a maior parte das variáveis estarão fora do controle do futuro presidente.

“Dependerá principalmente do crescimento da economia mundial, do nível de poupança dos brasileiros e do cenário que poderá incentivar, ou não, a velocidade do acréscimo das exportações”, explica.

E como os empresários e investidores se sentirão entusiasmados para investir mais, impulsionando a economia? Giambiagi reforça que não tem a fórmula pronta. Mas que regras estáveis, economia aberta e incentivos que levem as empresas à modernização são variáveis importantes.

Assim, caso o petróleo dispare por conta de conflitos na região do Iraque, se os Estados Unidos entrarem em recessão, além do Japão e Europa não aumentarem o ritmo de suas economias, dificilmente será viável sonhar com crescimento das exportações. Giambiagi frisa que a reforma tributária também será importante para ajudar a acelerar essa engrenagem a funcionar mais rápido. “Se a carga tributária continua a mesma será preciso incentivar apenas pelo câmbio. E, infelizmente, dessa forma, há impacto, por exemplo, nos juros e na inflação.”